

REVISTA ESFERA ACADÊMICA HUMANAS

VOLUME 5, NÚMERO 2 - ISSN 2526-1339

REVISTA CIENTÍFICA



ISSN 2526-1339

REVISTA ESFERA ACADÊMICA HUMANAS

Volume 5, número 2

**Vitória
2020**

EXPEDIENTE

Publicação Semestral

ISSN 2526-1339

Temática: Humanas

Revisão Português

Leandro Siqueira Lima

Capa

Marketing Faculdade Brasileira Multivix- Vitória

Elaborada pela Bibliotecária Alexandra B. Oliveira CRB06/396

Revista Esfera Acadêmica Humanas/ Faculdade Brasileira. – Vitória, ES:
Multivix, 2020.

Semestral
ISSN 2526-1339
eISSN 2675-5815

1. Ciências Humanas- Produção científica I. Faculdade Brasileira/Multivix.

CDD.610

*Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente,
os pensamentos dos editores.*

Correspondências

Coordenação de Pesquisa e Extensão Faculdade Brasileira Multivix- Vitória

Rua José Alves, 135, Goiabeiras, Vitória/ES | 29075-080

E-mail: pesquisa.vitoria@multivix.edu.br

FACULDADE BRASILEIRA MULTIVIX- VITÓRIA

DIRETOR GERAL

Leila Alves Côrtes Matos

COORDENAÇÃO ACADÊMICA

Michelle Oliveira Menezes Moreira

COORDENADOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Hêmyle Rocha Ribeiro Maia

CONSELHO EDITORIAL

Alexandra Barbosa Oliveira
Karine Lourenzone de Araujo Dasilio

Michelle Moreira
Patricia de Oliveira Penina

ASSESSORIA EDITORIAL

Karine Lourenzone de Araújo Dasílio
Antonio Ferreira de Melo Junior
Leandro Siqueira Lima
Vinicius Santana Nunes
Patricia de Oliveira Penina

ASSESSORIA CIENTÍFICA

Helber Barcellos da Costa
Ketene W. Saick Corti
Maycon Carvalho
Patricia de Oliveira Penina
Tania Mara Machado
Vinicius Santana Nunes

APRESENTAÇÃO

As Ciências Humanas sempre será interessante, uma vez o objeto de estudo dessa área é o ser humano! Dessa maneira, estudos nessa área contribuem para o para o entendimento e progresso em diversos aspectos, tais como sócio econômico e culturais da humanidade.

Nessa perspectiva, lançamos a Revista Esfera Acadêmica Humanas, que aborda temas da impactantes para a sociedade atual. Esperamos que a revista seja uma fonte de informação, bem como um meio de conhecimento profundo, com a finalidade de contribuir para a transformação da sociedade.

Boa leitura!

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A OBESIDADE.....	06
Rayner Zanoti Pereira, Tiffany Tinoco Nascimento, Edgard Junior Merscher, Simone Alves de Almeida Simões.	
GESTALT T-TERAPIA E FEMINISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A PERCEPÇÃO DA MULHER.....	17
Tainara Oliveira dos Santos Borges, Thaiz Poloni da Silva, Andrea Loss Nunes.	
O DESENHO COMO FORMA DE AUXILIAR NO ENSINO DE UMA CRIANÇA AUTISTA.....	35
Rayner Zanoti Pereira.	

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A OBESIDADE

Rayner Zanoti Pereira¹, Tiffany Tinoco Nascimento¹, Edgard Junior Merscher¹, Simone Alves de Almeida Simões²

1 – Graduando em Licenciatura do curso de Educação Física da Faculdade Multivix Cariacica.

2 – Docente do Curso de Educação Física da Faculdade Multivix Cariacica.

RESUMO

A prevalência da obesidade na infância e na adolescência vem aumentando nos últimos anos e está sendo considerado um problema de saúde pública. Tendo em vista o crescimento e os riscos associados a obesidade, faz-se necessário intervenções para prevenir e combater a doença. A Educação Física por sua vez é relevante para prevenção da obesidade por meio da prática regular de exercício físico. Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi investigar por meio de uma revisão da literatura a relação entre Educação Física escolar e obesidade em adolescentes. Metodologicamente foi utilizado uma pesquisa bibliográfica no Banco de dados do PubMed, referente ao período de 2017 a 2019. Foram avaliados 362 artigos, e 19 deles foram incluídos nesta revisão. Em conclusão a obesidade é bastante discutida, contudo a sua relação com a Educação Física escolar ainda permanece para ser mais bem esclarecida.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Obesidade; Revisão de Literatura.

ABSTRACT

The prevalence of obesity in childhood and adolescence has been increasing in recent years and is being considered a public health problem. In view of the growth and risks associated with obesity, interventions are needed to prevent and combat the disease. Physical Education, in turn, is relevant for obesity prevention through regular physical exercise. Thus, the objective of the present study was to investigate through a literature review the relationship between school physical education and obesity in adolescents. Methodologically, a bibliographic search was used in the PubMed database, in the period from 2017 to 2019. 362 articles were evaluated, and 19 of them were included in this review. In conclusion, obesity is widely discussed, however its relationship with school Physical Education remains to be better clarified.

Keywords: School Physical Education; Obesity; Literature Review.

1 INTRODUÇÃO

A obesidade é caracterizada como um acúmulo atípico e excessivo de gordura corpórea, que pode atingir graus que prejudicam diretamente à saúde e à qualidade de vida das pessoas (Barbosa et al., 2019). Estudos revelam que a obesidade é um dos principais problema de saúde pública da atualidade e vem ganhando destaque no cenário científico (Martins, 2018; Enes e Slater, 2010).

Segundo uma pesquisa feita pelo Ministério da Saúde (MS) em 2019, 55,7% da população brasileira tem excesso de peso. Comparado com 42,6% no ano de 2006,

teve um aumento significativo nas taxas de sobrepeso da população.

Dentre os fatores de risco, a inatividade física e alimentação inadequada apresentam-se como fatores para o desenvolvimento da obesidade, e conseqüentemente, as doenças crônicas, como: a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), Dislipidemias, Diabetes Mellitus, Obesidade e Resistência à Insulina (RI) (Guimarães et al., 2019).

Ainda, Lopes e colaboradores (2010), destacam que existem outros fatores importantes que contribuem para o início da obesidade, como fatores fisiológicos, genéticos e metabólicos, entretanto situações ambientais podem aumentar ou diminuir a influência desses fatores.

Segundo Wanderley e Ferreira (2010), a incidência da obesidade em adultos nos países da América, tem aumentado para ambos os sexos, essa incidência se dá por uma forte influência genética, visto que o apetite, o comportamento alimentar e o gasto energético, sofrem influência do mesmo, causando alterações na taxa metabólica basal. Além da incidência de obesidade em pessoas adultas, Abbes et al. (2011) relatam obesidade em adolescentes com grandes riscos para desenvolverem doenças crônicas não degenerativas, além de terem prejuízos psicossociais provocados pelo estigma da obesidade.

O Ministério da Saúde também destaca que crianças obesas tem possibilidade de se tornarem adultos obesos. Guimarães et al. (2019) descreveram em sua obra que a adolescência é uma etapa crítica para o desenvolvimento da obesidade e distúrbios metabólicos, período também onde ocorre a transição nutricional, contribuindo com o crescimento do número de pessoa com excesso de peso.

Em revisão, Enes e Slater (2010) também destacam que em tempos modernos as pessoas estão cada vez mais acomodadas e acabam utilizando mais os aparelhos eletrônicos e por conseqüência têm favorecido o aumento do sedentarismo. No mesmo pensamento, Vespasiano; Mota e Cesar (2015) revelam que o uso excessivo das tecnologias tem influenciado nos hábitos de vida das crianças, deixando as brincadeiras cada vez menos dinâmicas e fazendo que se tenha uma inatividade maior

no dia a dia.

Os fatores biológicos também são pontos abordados para a prevalência de sobrepeso e obesidade, estes, demonstram que o excesso de peso ao nascer provém de um histórico familiar e isso pode levar ao aumento na ocorrência de crianças e adolescentes com sobrepeso ou obesidade (Reuter et al., 2018).

Os estudos demonstram que a alimentação é um dos pontos chaves para o controle do peso corporal, com isso Schuh et al. (2017) relataram que se desde criança induzir o consumo de alimentos frescos e menos alimentos processados, propicia para que futuramente escolham alimentos saudáveis.

Com objetivo de ressaltar a importância da escola na orientação de hábitos de vida saudáveis, Pereira e Lopes (2012), em seu estudo afirmaram que no âmbito escolar, a Educação Física deve induzir hábitos saudáveis nos alunos em uma perspectiva transversal. Betti (1999) destaca que os esportes coletivos são as práticas mais utilizadas nas aulas de Educação Física.

Assim, uma vez que as aulas de Educação Física é um meio de incentivar a prática de atividade física e hábitos saudáveis para crianças e adolescente, investigar por meio de uma revisão literária qual relação entre educação física escolar e obesidade é de grande importância para entender os impactos proporcionados pelas aulas de Educação Física, e dessa forma, ressaltar a importância dessas aulas na qualidade de vida dos adolescentes.

Diante disso, o objetivo do presente estudo é investigar por meio de uma revisão da literatura a relação entre Educação Física escolar e obesidade em adolescentes.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA E OBESIDADE

Para alcançar o presente objetivo foi utilizado uma *pesquisa bibliográfica*, no Banco de dados do PubMed. A coleta de dados baseou – se em coletar artigos com a seguintes palavras – chaves: “*school physical education*”, “*obesity*” e “*teenagers*”.

Para os operadores booleanos utilizou – se o prefixo “AND” que nos permitiu buscar artigos que tenham relação com todas as palavras – chaves (Tabela 1).

TABELA 1

Organização das palavras-chave				
School physical education	AND	Obesity	AND	Teenagers

Fonte: Elaborado pelos autores

Foram selecionados artigos entre os anos de 2017 a 2019, totalizando 362 artigos. Dos artigos selecionados 19 foram incluídos nesta revisão (Tabela 2).

TABELA 2

Artigos encontrados	Artigos selecionados	Artigos excluídos
362	19	343

Fonte: Elaborado pelos autores

Diante do acervo de artigos encontrados (Tabela 3), foi possível observar que a obesidade em adolescentes é bem discutida no âmbito científico.

TABELA 3

Nº	AUTOR	TÍTULO	ANO
1	Schuh et al.	Healthy School, Happy School: Design and Protocol for a Randomized Clinical Trial Designed to Prevent Weight Gain in Children	2017
2	Czyz et al.	Physical Fitness, Physical Activity, Sedentary Behavior, or Diet What Are the Correlates of Obesity in Polish School Children?	2017
3	Coledam; Ferraiol	Engagement in Physical Education Classes and Health Among Young People: Does Sports Practice Matter? A Cross-Sectional Study	2017
4	Feng et al.	Systematic Review and Meta-Analysis of School-Based Obesity Interventions in Mainland China	2017
5	Tu et al.	Does Parental and Adolescent Participation in an e-Health Lifestyle Modification Intervention Improve Weight Outcomes?	2017
6	Ramírez-Vélez et al.	Pubertal Stage, Body Mass Index, and Cardiometabolic Risk in Children and Adolescents in Bogotá, Colombia: The Cross-Sectional Fuprecol Study	2017
7	Christofaro et al.	Analysis of different anthropometric indicators in the detection of high blood pressure in school adolescents: a	2017

		cross-sectional study with 8295 adolescents	
8	Pozo-Cruz; Gant; Pozo-Cruz; Maddison	Relationships Between Sleep Duration, Physical Activity and Body Mass Index in Young New Zealanders: An Isotemporal Substitution Analysis	2017
9	Filgueirasa; Sawaya	Multidisciplinary and Motivational Intervention for the Treatment of Low Income Brazilian Obese Adolescents: Pilot Study	2018
10	Ulbricht; Campos; Esmanhoto; Ripka	Prevalence of Excessive Body Fat Among Adolescents of a South Brazilian Metropolitan Region and State Capital, Associated Risk Factors, and Consequences	2018
11	Gonçalves; Nunes; Silva	Clusters of Anthropometric Indicators of Body Fat Associated With Maximum Oxygen Uptake in Adolescents	2018
12	Bezerra et al.	Health Promotion Initiatives at School Related to Overweight, Insulin Resistance, Hypertension and Dyslipidemia in Adolescents: A Cross-sectional Study in Recife, Brazil	2018
13	Yetgin et al.	The influence of physical training modalities on basal metabolic rate and leptin on obese adolescent boys	2018
14	Coledama et al.	Physical education classes and health outcomes in Brazilian students	2018
15	Silva et al.	Prevalence of overweight and obesity and associated factors in school children and adolescents in a medium-sized Brazilian city	2018
16	Reuter et al.	Overweight and Obesity in Schoolchildren: Hierarchical Analysis of Associated Demographic, Behavioral, and Biological Factors	2018
17	Leis et al.	Effects of Nutritional Education Interventions on Metabolic Risk in Children and Adolescents: A Systematic Review of Controlled Trials	2019
18	Myers et al.	Effectiveness of the fun for wellness online behavioral intervention to promote wellbeing and physical activity: protocol for a randomized controlled trial	2019
19	Trigueros et al.	Influence of Teaching Style on Physical Education Adolescents' Motivation and Health-Related Lifestyle	2019

Fonte: Elaborado pelos autores

Baseado na literatura, crianças sedentárias e possivelmente com sobrepeso, tem uma grande chance de desenvolverem a obesidade na vida adulta (Reuter et al. 2018). De acordo com Reuter et al. (2018) teve um aumento de 47% na prevalência de obesidade em crianças com idade escolar.

De acordo com Silva et al (2018), existe uma correlação da obesidade com o tempo assistindo televisão ou utilizando outros meios midiáticos mais que 5 horas por dia.

Dentre os fatores contribuintes para a obesidade em crianças, estão a dieta inadequada, inatividade física e fatores hereditários (Reuter et al. 2018)

Reuter et al. (2018) demonstraram que as crianças e os jovens que possuem histórico

de obesos na família, apresentam 25% de chance de se tornarem obesos. Além disso, o estágio da puberdade tem sido associado ao risco cardiometabólico (Ramírez-Vélez et al. 2017). Com isso os fatores hormonais durante a fase de puberdade pode ser um agravante para o excesso de peso, principalmente em adolescentes do sexo feminino (Christofaro et al. 2017).

Autores tem sugerido na literatura uma reavaliação de políticas públicas, que promovam mudanças e/ou redução de hábitos sedentários, estimulando assim um estilo de vida ativo e mais saudável (Ulbricht; Campos; Esmanhoto e Ripka, 2018).

Dessa maneira, uma proposta de intervenção que consiste em entrega de informação de saúde por meio da internet (E-Health) tem demonstrado resultados positivos na redução do IMC dos adolescentes com excesso de peso, evidenciando uma estratégia eficaz para redução na prevalência de sobrepeso entre os adolescentes. Este fato ressalta a importância da informação e motivação dos adolescentes para a mudança no estilo de vida. (Tu et al. 2017) Figueiras e Sawaya (2018) demonstraram que uma intervenção motivacional multidisciplinar pode ser benéfica na melhora do perfil antropométrico e composição corporal.

Para tanto, a participação e integração entre pais e alunos é bastante relevante para que os adolescentes se sintam mais motivados. Desse modo uma intervenção de baixo custo nas escolas como cálculo de IMC, análise alimentar e de atividade física é bastante eficiente para contornar o agravante do sobrepeso (Schuh et al. 2017)

Sendo assim, observa-se que as escolas podem ajudar na prevenção do excesso de peso, promovendo atividade física e conhecimentos de saúde por meio da Educação Física. Nesse pensamento Feng et al. (2017) enfatiza que uma intervenção com atividade física e educação em saúde é bastante eficaz na redução do IMC em escolares. Corroborando aos dados citados acima, Leis et al. (2019) sugerem uma implementação de educação nutricional nas escolas em conjunto com o professor de Educação Física, com objetivo de reduzir a prevalência de sobrepeso e obesidade entre os adolescentes.

Nessa mesma linha, já foi demonstrado na literatura, a redução do excesso de peso entre os jovens, por meio de atividades físicas moderada a vigorosa, apresentando um efeito benéfico no IMC em todas as idades (Pozo-Cruz; Gant; Pozo-Cruz e Maddison, 2017). Desse modo, atividades físicas relacionada a melhoria do VO₂ máximo diminui três ou mais indicadores antropométricos de sobrepeso (Gonçalves; Nunes e Silva, 2018). Ainda, Yetgin et al. (2018) demonstram que exercícios de resistência são eficientes na redução do percentual de gordura corporal, aumentando o Vo₂máx absoluto e relativo, e reduzindo os níveis de leptina em adolescentes obesos.

As aulas de Educação Física é um espaço importante para que os alunos tomem consciência de que a prática regular de atividade física é de grande relevância para a manutenção da saúde e bem estar. Com isso Myers et al. (2019) basearam seu estudo em uma intervenção online, chamada de Fun For Wellness (FFW), que consiste em uma intervenção comportamental afim de estimular o bem-esta dos jovens.

Nas aulas de Educação Física o professor pode promover atividades que promovam a melhora do VO₂ máximo dos alunos, desse modo, Czyż et al. (2017) evidenciaram que a prática dessas atividades nas aulas de Educação Física auxilia na redução do excesso de peso.

Dessa forma, o envolvimento dos alunos nas aulas torna – se fundamental para o aprimoramento da qualidade de vida. Coledam e Farraiol (2017) associaram que os alunos que participavam das aulas de Educação Física apresentavam um bom estado de saúde física.

Nessa mesma linha, Coledam et al. (2018) evidenciou que os adolescentes mais ativos nas aulas de educação física, apresentam maior chance de atender os critérios de saúde para aptidão cardiorrespiratória e força muscular. Este fato ressalta, que as aulas de Educação Física têm bastante relevância para que os educandos adotem um estilo de vida saudável, bem como a prática regular de atividade física e alimentação adequada (Trigueiros et al. 2019).

Para tanto, uma implementação de políticas educacionais visando uma alimentação saudável nas escolas, juntamente com práticas de atividade físicas fora do ambiente escolar, tem demonstrado uma contribuição importante na redução do excesso de peso e seus agravantes, impossibilitando o surgimento de doenças na vida adulta (Bezerra et al. 2018).

Embora já tem sido evidenciado na literatura que as aulas de educação física podem auxiliar na redução da obesidade, ainda é notável a não participação de alguns alunos nas aulas de educação física. Fato este, atribuído aos alunos que não se sentem à vontade e, por muita das vezes, envergonhados por não possuírem habilidades em determinado esporte. Com isso, esse perfil de aluno acaba se distanciando cada vez mais das práticas das aulas de Educação Física e se aproximando de recursos tecnológicos, principalmente dos celulares (Jacó, 2008). Sendo assim, com essas tecnologias, os adolescentes têm cada vez menos contato com práticas de cunho corporal, refletindo não apenas na defasagem no desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, mas também na sua saúde e bem estar.

3 CONCLUSÃO

De acordo com o objetivo do estudo, conclui-se que a obesidade se apresenta como um importante problema na saúde pública. As produções científicas apontam para criação de políticas públicas que visam uma educação nutricional nas escolas para promover o consumo de alimentos saudáveis, assim como, a prática regular de atividade física com objetivo de reduzir hábitos sedentários. A Educação Física por sua vez, assume um papel relevante na melhoria da qualidade de vida da sociedade por meio de suas práticas, entretanto a literatura apresentada carece de estudos e informações que evidenciam a participação das aulas de educação física escolar na redução da obesidade em adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBES, P. T et al. **Sedentarismo e variáveis clínico-metabólicas associadas à obesidade em adolescentes.** Rev. Nutr., Campinas, v. 24, n. 4, p. 529-538, Aug. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-52732011000400002>

- BARBOSA, I. A et al. **Prevalência e fatores associados ao excesso de peso corporal em adolescentes.** Acta paul. enferm., São Paulo, v. 32, n. 5, p. 485-492, Oct. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201900068>
- BETTI, I. C. R. **Esporte na escola: mas é só isso, professor?.** Motriz, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.
- BEZERRA, M. K. A et al. **Health promotion initiatives at school related to overweight, insulin resistance, hypertension and dyslipidemia in adolescents: a cross-sectional study in Recife, Brazil.** BMC public health, 18(1), 223, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-018-5121-6>
- CHRISTOFARO, D. G. D et al. **Analysis of different anthropometric indicators in the detection of high blood pressure in school adolescents: a cross-sectional study with 8295 adolescents.** Brazilian journal of physical therapy, 22(1), pág. 49–54, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bjpt.2017.10.007>
- COLEDAM, D. H. C et al. **Physical education classes and health outcomes in brazilian students.** Rev. paul. pediatri., São Paulo, v. 36, n. 2, p. 192-198, June, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0462/;2018;36;2;00011>.
- COLEDAM, D. H. C; FERRAIOL, P. F. **Engagement in physical education classes and health among young people: does sports practice matter? A cross-sectional study.** Sao Paulo Med. J., São Paulo, v. 135, n. 6, p. 548-555, Dec. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-3180.2017.0111260617>.
- CZYZ, S. H et al. **Physical Fitness, Physical Activity, Sedentary Behavior, or Diet-What Are the Correlates of Obesity in Polish School Children?.** International journal of environmental research and public health, 14(6), 664, 2017. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph14060664>
- ENES, C. C; SLATER, B. **Obesidade na adolescência e seus principais fatores determinantes.** Rev. bras. epidemiol., São Paulo, v. 13, n. 1, p. 163-171, Mar. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2010000100015>
- FENG, L et al. **Systematic review and meta-analysis of school-based obesity interventions in mainland China.** PloS one, 12(9), e0184704, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0184704>
- FILGUEIRAS, A. R; SAWAYA, A. L. **Intervenções multidisciplinar e motivacional para o tratamento de adolescentes obesos brasileiros de baixa renda: estudo piloto.** Rev. paul. pediatri., São Paulo, v. 36, n. 2, p. 186-191, jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/;2018;36;2;00014>
- GONÇALVES, E. C. A; NUNES, H. E. G; SILVA, D. A. S. **Clusters of anthropometric indicators of body fat associated with maximum oxygen uptake in adolescents.** PloS one, 13(3), e0193965, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0193965>
- GUIMARAES, M. R et al. **Alterações clínicas, metabólicas e resistência à insulina entre adolescentes.** Acta paul. enferm., São Paulo, v. 32, n. 6, p. 608-616, Dec. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201900085>.
- JACÓ, J. F. **Educação Física e Adolescência: “Professor, não vou participar da aula!”** (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- LEIS, R et al. **Effects of Nutritional Education Interventions on Metabolic Risk in Children and Adolescents: A Systematic Review of Controlled Trials.** Nutrients, 12(1), 31, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3390/nu12010031>
- LOPES, P. C. S; PRADO, S. R. L. A; COLOMBO, P. **Fatores de risco associados à obesidade e sobrepeso em crianças em idade escolar.** Rev. bras. enferm., Brasília, v. 63, n. 1, p. 73-78, Feb. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034->

71672010000100012.

MARTINS, A. P. B. **É preciso tratar a obesidade como um problema de saúde pública.** Rev. adm. empres., São Paulo, v. 58, n. 3, p. 337-341, June, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020180312>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Brasileiros atingem maior índice de obesidade nos últimos treze anos.** Publicado em 25 de julho de 2019. Disponível em: <<https://saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45612-brasileiros-atingem-maior-indice-de-obesidade-nos-ultimos-treze-anos>>. Acesso em 17 de março de 2020.

MYERS, N. D et al. **Effectiveness of the fun for wellness online behavioral intervention to promote well-being and physical activity: protocol for a randomized controlled trial.** BMC public health, 19(1), 737, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7089-2>

PEREIRA, P. J. A; LOPES. L. S. C. **Obesidade infantil: estudo em criança num ATL.** Millemium Journal of education, techonologies and health, 42, p. 105 – 125, 2012.

POZO-CRUZ, B. D; GANT, N; POZO-CRUZ, J. D; MADDISON, R. **Relationships between sleep duration, physical activity and body mass index in young New Zealanders: An isotemporal substitution analysis.** PloS one, 12(9), e0184472, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0184472>

RAMÍREZ-VÉLEZ, R et al. (2017). **Pubertal Stage, Body Mass Index, and Cardiometabolic Risk in Children and Adolescents in Bogotá, Colombia: The Cross-Sectional Fuprecol Study.** Nutrients, 9(7), 644, 2017. DOI: <https://doi.org/10.3390/nu9070644>

REUTER, C. P et al. **Overweight and Obesity in Schoolchildren: Hierarchical Analysis of Associated Demographic, Behavioral, and Biological Factors.** Journal of obesity, 2018, 6128034, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1155/2018/6128034>

SCHUH, D. S et al. **Healthy School, Happy School: Design and Protocol for a Randomized Clinical Trial Designed to Prevent Weight Gain in Children.** Arquivos brasileiros de cardiologia, 108(6), 501–507, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5935/abc.20170072>

SILVA, A. P et al. **Prevalence of overweight and obesity and associated factors in school children and adolescents in a medium-sized Brazilian city.** Clinics, São Paulo, v. 73, e438, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.6061/clinics/2018/e438>

TRIGUEIROS, R et al. **Influence of Teaching Style on Physical Education Adolescents' Motivation and Health-Related Lifestyle.** Nutrients, 11(11), 2594, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3390/nu11112594>

TU, A. W et al. **Does parental and adolescent participation in an e-health lifestyle modification intervention improves weight outcomes?.** BMC public health, 17(1), 352, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-017-4220-0>

ULBRICHT, L; CAMPOS, M. F; ESMANHOTO, E; RIPKA, W. L. **Prevalence of excessive body fat among adolescents of a south Brazilian metropolitan region and State capital, associated risk factors, and consequences.** BMC public health, 18(1), 312, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-018-5216-0>

VESPASIANO, B. S; MOTA, J. L. P; CESAR, M. C. **Prevalência de obesidade infantil, suas principais consequências e possíveis intervenções.** Saúde Rev., Piracicaba, vol. 15, n. 41, p. 57-64, set.- dez. 2015.

WANDERLEY, E. N; FERREIRA, V. A. **Obesidade: uma perspectiva plural.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 185-194, jan. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000100024>.

YETGIN, M. K et al. **The influence of physical training modalities on basal metabolic rate and leptin on obese adolescent boys.** JPMA. The Journal of the Pakistan Medical Association, 68(6), pág. 929–931, 2018. Disponível em: <https://jpma.org.pk/article-details/8731?article_id=8731>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

GESTALT-TERAPIA E FEMINISMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A PERCEPÇÃO DA MULHER

Tainara Oliveira dos Santos Borges¹

Thaiz Poloni da Silva¹

Andrea Loss Nunes²

¹ Acadêmicas do curso de Psicologia pela Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória

² Doutora em Psicologia e Psicóloga pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória

RESUMO

Desde a antiguidade, pode-se observar o lugar desprivilegiado em que as mulheres ocupam na sociedade. É possível identificar em alguns aspectos como o religioso, o social e o político/econômico. O objetivo Geral do estudo foi identificar as percepções sobre o feminismo embasadas pela Gestalt-terapia. Para alcançar esse objetivo, traçou-se objetivos específicos: catalogar os artigos publicados com o tema feminismo; identificar a percepção sobre feminismo e pesquisa exploratória. Os resultados apontaram para as categorias: Liberdade ameaçada, Busca de autenticidade, Modo feminino de estar no mundo. Conclui-se que a percepção da mulher sobre o seu lugar na sociedade e suas formas de relações, indicam uma busca por autenticidade e liberdade de ser na sociedade, que envolve a expressão da sexualidade e de seu valor.

Palavras-chave: Feminismo; Gestalt-terapia; Psicologia.

ABSTRACT

Since antiquity, one can observe the disadvantaged place in which women occupy in society. It is possible to identify in some aspects such as religious, social and political / economic. The general objective of the study was to identify the perceptions about feminism based on Gestalt therapy. To achieve this objective, specific objectives were outlined: cataloging published articles on the theme of feminism; identify the perception about feminism and exploratory research. The results pointed to the categories: Freedom threatened, Search for authenticity, Feminine way of being in the world. It is concluded that the perception of women about their place in society and their forms of relationships, indicate a search for authenticity and freedom to be in society, which involves the expression of sexuality and its value.

Keywords: Feminism; Gestalt-terapia; Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade pode-se observar o lugar desprivilegiado em que as mulheres ocupam na sociedade, uma posição sem mérito e desigual, quando comparado ao lugar do homem. É possível identificar nos aspectos religioso, social e político/econômico, a partir dessa época histórica, essa desigualdade (HAHON, 2018).

A visão religiosa cristã descreve a mulher como precursora do pecado, atribuindo a ela, toda a culpa (MEDEIROS, 2020). O pecado original (designação dada na teologia

com referência ao estado, condição e qualidade de pecado em que todos os homens nascem) foi vinculado à libido feminina, onde a mulher seduz o homem e o leva a pecar. Confirmando assim, a concepção religiosa de que a mulher por ser pecadora e pouco confiável deveria submeter-se ao homem (ANJOS, 2018; MOREIRA, 2013; SILVA, 2005).

Construiu-se a partir da visão do teocentrismo (doutrina ou crença que considera Deus como o centro de tudo), uma imagem feminina enfraquecida, frágil e suscetível, depositando o valor da mulher em uma vida amena, resumida a conduzir, ensinar e acompanhar seu marido, com a perspectiva de vida inteiramente relacionada ao parceiro e sob a obrigação legal de obedecer ao homem (LOUZEIRO, 2018). Mesmo casadas, as mulheres deveriam manter-se castas e Piori (2006, p 79) associa essa ideia à visão religiosa dizendo “a crença de que o corpo feminino e a procriação eram assuntos divinos”.

O casamento e a submissão feminina perante o marido foram colocados como à definição de conquista e realização das mulheres, na época. Obedecer ao homem, cuidar da casa e dos filhos era o alicerce que perpetuava o casamento e neste contexto, as mulheres eram responsáveis sobretudo pela satisfação sexual do marido e por gerar seus herdeiros (LOUZEIRO, 2018). Muitas mulheres eram obrigadas a viver em relacionamentos insatisfatórios (FABENI, 2015).

A colunista feminista Anjos (2018, pág. 1) escreveu que “Uma mulher que carrega a culpa do pecado, o dever de satisfazer o marido e de dar-lhe filhos, não tem espaço para desfrutar do prazer.” Portanto, a mulher foi colocada como um ser destituído de autenticidade, e desautorizado a externar seus desejos, sob a luz e a condição de “santificação” do seu corpo para o casamento, conseqüentemente para o homem. A repressão da sexualidade feminina possuía também um caráter político, o corpo feminino assim como o capital, foi apropriado pelos homens e pelo Estado (MEDEIROS, 2020).

No fim da Idade Média ocorreu uma descentralização da Igreja e dos seus mandamentos com a chegada do antropocentrismo (forma de pensamento que

considera o homem como centro de todas as coisas), que passou a influenciar o pensamento e a cultura (ALMEIDA, 2010). A lógica de Deus no centro da vivência humana – base do teocentrismo – decaiu, marcando a separação entre Teologia e Filosofia e resultando no surgimento do humanismo renascentista (CARVALHO, 2011). Esta mudança de perspectiva acerca do homem provocou uma mudança significativa na construção do conhecimento, estimulando a pesquisa científica, a arte, a literatura e impulsionando o ser humano à evolução (SANTIAGO, 2013).

Diante dessa nova perspectiva, o homem foi mais valorizado, aquecendo o sistema patriarcal já estabelecido, formando um sistema que resultou em dominação e exclusão das mulheres, sustentando a dominação masculina (BARROS, 2015). Sobre isso, Louzeiro (2018) destacou, que a diferença sexual pregada na época foi tida como diferença política, que resultou na liberdade do homem e na sujeição da mulher, e reforçou o preconceito enraizado em nossa cultura que é transmitido por gerações, caracterizando a convivência da sociedade para com a violência contra a mulher (SANTOS, 2019; MEDEIROS, 2018; DE OLIVEIRA; ROSE MAIO, 2016; PIMENTEL, 2010).

As concepções e crenças antropocêntricas permaneceram até a revolução francesa, sendo a mesma, cenário para a ascensão do Iluminismo (corrente que defendia as liberdades individuais e o uso da razão para validar o conhecimento) e avante de movimentos sociais, incluindo o feminismo (movimento que luta pela ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade) (ALMEIDA, 2010).

No século XIX, inspirado pelo Iluminismo, o pensamento Positivista (corrente teórica inspirada no ideal de progresso contínuo da humanidade), dominou parte da cultura europeia. A concepção de sujeito, nesta perspectiva, definia o homem como um ser autônomo, dotado de racionalidade e poder sobre a natureza, sendo o homem o padrão de perfeição (LOUZEIRO, 2018).

Assim, o homem era colocado em posição de destaque, detentor da razão e do saber e a mulher era vista apenas como reprodutora, esposa e mãe, sendo pouco participativa para a ciência empírica e positivista. Às mulheres sobravam os papéis de

esposa, mãe e dona de casa, considerados os atributos essenciais de sua condição (PAIVA, 2019).

Diante disso, compreende-se a importância e a relevância do movimento feminista para inserção da mulher nos domínios sociais e políticos. No Brasil o Movimento Feminista surgiu no século XIX, com lutas no campo da educação feminina e direito de voto. Nessa época, o Brasil era uma sociedade escravista, no qual oprimia e abusava principalmente das mulheres negras. Foi somente durante o império (1822-1889), especificamente em 1827, quando o ensino público e gratuito foi sancionado no Brasil, que as mulheres da sociedade adquiriram o direito à educação (RIBEIRO, 2019).

Nesse contexto, a educadora, escritora e poetisa Nísia Floresta Augusta (1810 –1885) foi considerada precursora do Movimento Feminista no Brasil, fundadora da primeira escola para meninas no Rio Grande do Sul, sendo cenário para produção de literatura a qual defendia os direitos não só das mulheres, mas de todas as outras classes consideradas minorias. As mulheres negras, por exemplo, ganhavam menos do que homens brancos e negros e menos do que mulheres brancas (RIBEIRO, 2019).

Com a República (1889) surgiu a industrialização e as demandas de trabalho, onde os serviços das mulheres eram contratados por preços bem menores quando comparados aos valores pagos aos homens, reforçando nesse momento a desigualdade social e de gênero (CHAUI, 2016).

Em 1911, as mulheres começaram a questionar suas obrigações, sua atuação no mercado de trabalho, nas escolas, na família e em todos os outros campos de vivência. Iniciou-se um movimento emancipatório. O movimento foi caracterizado pela inquietação, mudanças e questionamentos acerca do modelo patriarcal e machista presentes na sociedade (HAHON, 2018). O feminismo foi entendido como um movimento social (COELHO, 2016).

Em 1917 ocorreu a greve geral da indústria e do comércio brasileiro em São Paulo. Cabe ressaltar o movimento das anarquistas, reunidas na "União das Costureiras,

Chaleiras e Classes Anexas" em que mulheres se reuniram e proclamavam a dolorosa situação das mulheres nas fábricas e nas oficinas. Foi a primeira greve geral da história do Brasil e durou 30 dias (FRACCARO, 2017). Entretanto, o movimento perdeu sua força no Brasil, Inglaterra e EUA e só voltou a aparecer em 1930 com maior importância na década de 60. A Ministra da Secretaria de Políticas para Mulheres, Niceia Freire, na época, relatou que a Assembleia Nacional Constituinte (1986-1988) acolheu o clamor do movimento de mulheres, cujas vozes ecoavam desde os primórdios da República (FRACCARO, 2018).

Diante do movimento feminista, o objetivo das mulheres se voltou novamente para a conquista e a participação na cena eleitoral, houve uma transformação da mulher na sociedade como resultado também do empoderamento diante desse movimento. As mulheres tornaram-se exemplo de como é sofrida a busca pelos direitos de cidadania às minorias (ALMEIDA, 2018). As mulheres, quando já integrantes de movimentos reivindicatórios, atuavam lutando e discutindo sobre a igualdade de gênero, raça, escolaridade e liberdade sexual (HELENA, 2005).

Com a redemocratização em 1980, o Brasil entra em uma fase de grande luta pelos direitos das mulheres, com ampla gama de temas, além do direito à educação e direito ao voto, foi incluído Direito à Terra, à Saúde Materno-Infantil. Refletir sobre o alcance do feminino no voto remete ao pensamento das autoras Luczinski et. al. (2020) sobre a influência da cultura patriarcal, que historicamente reduziu a mulher a uma espécie humana de segunda categoria para poder dominá-la.

Uma das mais significativas vitórias do Movimento foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher em 1984, com a campanha de inclusão dos Direitos na nova Carta Constitucional. No governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) foi criada a secretaria Especial de Políticas para Mulheres. Outra conquista foi a Lei Maria da Penha em 07/08/2006, que "Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher" (LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006).

Sobre o feminismo no Brasil, Bezerra (2020) disse que o feminismo vai além de votos e campanhas pela moral, em que almejavam determinação política, intelectual e

também sexual, visto que não tinham autonomia para decidir com quem iriam se relacionar, quando teriam e se gostariam de ter filhos ou não. Ou seja, buscava-se também, autonomia sobre o próprio corpo, havendo uma iminente necessidade de se construir a emancipação feminina. Uma busca pela posse de seu próprio corpo e liberdade de escolha (RIBEIRO, 2018).

A luta feminista trouxe uma quebra de paradigmas, ruptura com padrões excludentes que atravessaram gerações. O movimento feminista trouxe autenticidade para mulheres, trouxe o direito de sentir, de amar, de viver, tudo que era disponibilizado ao homem. Porém, com menos opressão e mais liberdade, pois entre os princípios que orientam as organizações feministas, destaca-se a autonomia e a horizontalidade. Aqui entende-se autonomia como termo que rejeita liderança e horizontalidade como condição de igual ao outro (SILVA, CAMURÇA, 2010).

O empoderamento de mulheres, é um termo que se refere ao processo da conquista da autonomia, da autodeterminação, enquanto no plano político, diz respeito ao desenvolvimento da força política e social das mulheres como um grupo ou minoria (SARDENBERG, 2018). Análogo a autonomia, o movimento feminista instituiu o empoderamento, descrito por Berth (2019, p. 21) como autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas. Isso reflete como a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem (RIBEIRO, 2019). Para Luczinski et. al. (2020) entende-se o empoderamento enquanto uma prática coletiva forjada no meio social e Berth (2019) compreende como uma maneira de obter liberdade e poder, para que a mulher possa fazer o que quer ou também controlar o que acontece com ela mesma. Nesse sentido, Ribeiro (2017, p. 5), considera que “quando uma mulher empodera a si, tem condições de empoderar a outras.”

A busca pelo empoderamento feminino influenciou o pensamento e prática na área da Psicologia clínica. Na perspectiva fenomenológica, o empoderamento é entendido como indicativo de crescimento, assim como, a conscientização pelo cliente (AZEVEDO, 2019). Marendaz (2016) explicou que dentro da perspectiva da Gestalt-terapia, abordagem da Psicologia clínica, não é possível tratar a necessidade imediata

do sujeito sem levar em conta sua realidade de vida, seu campo social, suas crenças religiosas e sua sexualidade, relacionando-se com a proposta de empoderamento do movimento feminista.

O desenvolvimento da sociedade junto aos avanços e conquistas femininas, trouxe consigo, novas formas da mulher perceber a si mesma, de construir e de ressignificar todo o seu caminho, as suas relações, as suas prioridades, a sua sexualidade, a sua religiosidade, e também, a possibilidade de se pensar novas formas de masculinidade que não impliquem em relações desiguais (LOUZEIRO, 2018).

Sob o olhar da Gestalt-terapia, ser mulher é mais do que desempenhar um papel, está relacionado com a aceitação e responsabilidade pelo que percebe, e principalmente sobre suas escolhas no mundo (AZEVEDO, 2019). A Gestalt-Terapia está a serviço do acolhimento da mulher em sua singularidade, auxiliando-a a reconectar-se com suas reais necessidades. O centro dessa abordagem é a pessoa, e não a sua função, a sua atribuição para a sociedade. Importa a pessoa, suas relações, o que ela vivencia naquele momento, e não o que foi sócio historicamente estabelecido. As ideologias ficam em segundo plano, para essa abordagem clínica psicológica, ao priorizar a pessoa e suas dores (AZEVEDO, 2019). Complementando essa ideia, a perspectiva fenomenológica, entende que para se compreender o projeto de ser mulher é preciso considerar as escolhas dessa mulher e o grau de autonomia nelas envolvido a partir da sua inserção no contexto de relações sociais concretas (BIROLI, 2013).

Neste contexto, reafirma-se a importância do feminismo que procura desconstruir os processos ideológicos tradicionais. A busca pela igualdade dos direitos femininos e masculinos marca a transformação das vivências amorosas, assim como, a transformação da sexualidade feminina (DANTAS, 2011). Hoje, as mulheres já conseguem se relacionar expressando seu desejo e busca do prazer sexual (BERTAGLIA; MANFREDINI; KUBLIKOWSKI; REIS, 2016).

Para a Gestalt-terapia há um desequilíbrio que recai sobre a mulher e sobre a sua sexualidade, mesmo que ela não reconheça de fato onde ele ocorra (DANTAS, 2011). A maneira como homens e mulheres vivenciam as relações amorosas na

heterossexualidade recebe forte influência do patriarcado, influência esta vinda através da educação dada a homens e mulheres que foi imposta e atravessou longos anos, sendo este o momento de questionar e problematizar nossa sociedade patriarcal, suas regras e seus efeitos (LOUZEIRO, 2018).

Pinto (2013) traz à tona discussões sobre o ciúme, em um nível patológico, como um fator importante observado acerca das relações amorosas contemporâneas. A autora afirma que trata-se de um padrão baseado na busca pelo controle do relacionamento, quando as pessoas atacam os pontos vulneráveis uma da outra, padrão esse, que pode ser visto a partir das multitarefas assumidas de forma (in)consciente pelas mulheres e que causam um efeito esmagador, provocando assim um adoecimento, um descompasso em sua sexualidade (PINTO, 2013).

Para a Gestalt-terapia a sexualidade é uma atitude de acolhimento e respeito à diversidade das necessidades e dos desejos, opondo-se a normas pré-definidas. Nessa abordagem, a sexualidade deve ser compreendida em razão do campo a qual ele pertence e não como resultado apenas da realidade interna do indivíduo (GINGER, 2011; MOLLER, 2011).

Observa-se, no entanto, que apesar dos novos papéis que a mulher vem ocupando na sociedade contemporânea, a imagem associada à mulher-mãe ainda é muito valorizada e a maternidade continua sendo idealizada e compreendida como um salto qualitativo para a vida da mulher, colocando a mulher novamente como responsável por educar os filhos e principalmente por simbolizar “bons costumes” (LOUZEIRO, 2018). Ao romantizar o amor como base para a construção da vida conjugal a dois, nos preceitos da religião, a mulher recai novamente sob o status de dona de casa, do lar, cuidadora dos filhos e do marido, relembrando novamente a dependência dela ao seu companheiro e a falta de poder sobre si (MARENDAZ, 2016).

Diante disso, o feminismo busca conservar uma de suas principais características que é a reflexão crítica sobre as contradições da modernidade, principalmente, no que tange a libertação das mulheres, afim de ampliar o conceito de política e de cidadania, ao subverter as noções do corpo e da sexualidade produzidos por relações de saber-

poder (RAGO, 2019). Neste sentido, ser feminista é estar de acordo com suas próprias convicções e não se deixar levar por imposições sociais, e a partir disso, viver livremente, não cabendo temer as deliberações machistas e patriarcais, tampouco conceber a violência em qualquer nível, pelo simples fato de ser mulher (DANTAS, 2011). Compreender ser feminista é ter a possibilidade do novo, de ter a sua versão individual de mundo, aceitação e responsabilidade pelo que percebe e pelas suas escolhas no mundo (AZEVEDO, 2019).

Com base na revisão de leituras aqui expostas, levantou-se a seguinte problematização para o desenvolvimento da pesquisa: qual a concepção sobre feminismo apresentada pela Gestalt-terapia? O objetivo Geral do estudo foi identificar a percepção sobre o feminismo embasada pela Gestalt-terapia. Para o alcance desse objetivo, traçou-se os objetivos específicos: catalogar os artigos de Gestalt-terapia publicados sobre o tema feminismo; identificar a percepção sobre feminismo com base na Gestalt- terapia.

2 MÉTODO

O presente estudo é uma pesquisa exploratória e seus dados foram analisados de forma qualitativa (GIL, 2002). Essa pesquisa explorou o tema de forma sistemática para a sua compreensão, a partir de uma revisão bibliográfica ordenada sobre o assunto.

Para o levantamento dos dados a serem analisados foram consultadas as seguintes revistas eletrônicas: Revista IGT na Rede, Revista Abordagem Gestáltica e Revista NUFEN, com publicações entre 2010 a 2020. Como critério para a pesquisa foram excluídos artigos que não apresentavam texto completo disponível on-line de forma gratuita, assim como artigos e publicações que não obtinham o embasamento em Gestalt-terapia como centro de suas pesquisas. Buscou-se os artigos com base nos descritores: feminismo, feminismo e Gestalt-terapia, mulher e Gestalt, mulher na contemporaneidade.

Leituras sistemáticas foram desenvolvidas para a extração de trechos dos textos

relevantes para o estudo. Fez-se uma leitura ordenada e analítica para o encontro dos dados que orientassem as respostas significativas sobre a questão levantada pela pesquisa. Em seguida, os conteúdos foram agrupados em categorias (GIL, 2002). Elaborou-se um quadro (Quadro 1) com a classificação das informações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 mostra os artigos selecionados para a análise dos dados e discussão.

Revista	Autores	Artigos	Ano
Revista IGT na Rede	DANTAS, Margarida Florencio	A gestalt-terapia diante do amor nas relações afetivas heterossexuais	2011
Revista Abordagem Gestáltica	PIMENTEL, Adelma	Violência doméstica praticada por homens detidos na Delegacia da Mulher de Belém.	2010
Revista IGT na Rede	PINTO, Bruna Cabral Vianna	A influência dos aspectos contemporâneos na sexualidade feminina – uma visão gestáltica	2012
Rev. NUFEN	SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos; IRINEU, Bruna Andrade	Violência contra mulheres e promoção de saúde mental na comunidade.	2019
Revista IGT na Rede	GINGER, Serge	Cérebros femininos vs. Cérebros masculinos	2011
Rev. NUFEN	FABENI, Lorena	O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência.	2015
Revista Abordagem Gestáltica	MOLLER, Cíntia Vieira; ANDRADE, Celana Cardoso	A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica.	2011
Revista IGT na Rede	AZEVEDO, Hermes	Gestalt-terapia: uma incômoda versão de mundo e de relação	2019
Revista Abordagem Gestáltica	BENEVIDES, Rafaelle F. C.; BORIS, Georges D. J. B.	A experiência vivida de mulheres na conjugalidade contemporânea: uma perspectiva fenomenológico-existencial.	2020
Revista IGT na Rede	PINTO, Bruna Cabral Vianna	O ciúme nas relações amorosas contemporâneas: um olhar gestáltico	2013
Revista IGT na Rede	MARENDAZ, Evane	Vida sexual e a religião batista: um olhar gestáltico	2016
Revista Abordagem	MOREIRA, Ana Regina de	Compreendendo a experiência do	2013

Gestáltica	Lima; DUTRA, Elza Maria do Socorro	sofrimento de mulheres na relação amorosa	
------------	------------------------------------	---	--

Quadro 1: Artigos de Gestalt-terapia sobre o tema feminismo

A seguir, apresenta-se as categorias encontradas: Liberdade Ameaçada, Busca de Autenticidade, Modo Feminino de Estar no Mundo.

3.1 LIBERDADE AMEAÇADA

Essa categoria descreve a busca de liberdade pelas mulheres, desde influências religiosas, como também sociais e políticas. Há uma ameaça à liberdade da mulher, à medida que instituições religiosas se apropriam de seu corpo, dizendo como devem se portar, indicando a falta de liberdade e a violência contra o gênero feminino (SANTOS, 2019).

A influência sobre a sexualidade, dentro dos parâmetros da religião, sobre o corpo e o desejo sexual feminino, exaltando-se a pureza da vida sexual, quando praticada dentro desses parâmetros (MARENDAZ, 2016), demonstra a coerção sobre a liberdade feminina. Isso, porque ainda está presente uma lógica religiosa na sociedade, limitando e reduzindo a mulher em diversos aspectos, como na sexualidade, por exemplo (MARENDAZ, 2016).

O ciúme também aparece como alvo de discussão dentro das relações, trazendo uma reflexão acerca de sua função mantenedora de poder nas relações conjugais e como é para cada indivíduo, onde a mulher deveria aceitar o desrespeito dentro do matrimônio, e o homem por sua vez, possui a justificativa do ciúme pelo lugar que ocupa (PINTO, 2013). Diante dessa liberdade ameaçada, a mulher ainda sofre violência, ocorrendo principalmente em lares onde há uma predominância da vinculação do homem ao poder e da subjetividade masculina, baseada no domínio (PIMENTEL, 2010). O ciúme torna-se então, um subproduto de uma sociedade violenta, apoiada pelo sexismo e machismo, no qual favorece o aumento do índice de feminicídio, ameaçando a liberdade da mulher (MARENDAZ, 2016).

3.2 MODO FEMININO DE ESTAR NO MUNDO

Nessa categoria, identifica-se a percepção sobre o modo como a mulher se apresenta no mundo, diante de tantas lutas de reconhecimento por seu valor em sua existência. Observa-se que resumida a “útero” e a “beleza”, a auto percepção feminina sofreu uma série de transformações, como a dificuldade em viver no aqui-agora como uma das mais importantes. Essa problemática acontece pelas exigências sofridas pela mulher na sociedade, como trabalhar, cuidar da casa e filhos, e se manter sempre linda (PINTO, 2013).

Ao longo dos anos, houve mudanças na expectativa da vida da mulher, pois alcançaram autonomia no mercado de trabalho, direito ao ensino educacional e liberdade de expressão. Porém, ainda hoje, há um pensamento sexista sobre a mulher diante das tarefas desempenhadas por elas (RIBEIRO, 2019).

Mesmo na contemporaneidade, onde mulheres e homens alcançaram espaços mais igualitários, pode-se perceber que há também uma mudança no modo de agir de ambos em busca de um relacionamento afetivo mais satisfatório. No entanto, hoje a mulher consegue se relacionar com um parceiro sem que haja um relacionamento, ou seja, estabelece uma “relação informal” onde também buscam a conquista de poder sobre os homens e relacionam-se com eles predominantemente para obtenção do prazer sexual (BERTAGLIA; MANFREDINI; KUBLIKOWSKI; REIS, 2016).

No entanto, diante de uma construção social machista que homens possuem sentimento de posse acerca da mulher, são identificados muitos casos de violência contra o gênero feminino. É preciso preocupar-se com as práticas machistas que causam danos como violência, humilhação, discriminação e preconceito para ambos os gêneros (DE OLIVEIRA; ROSE MAIO, 2016).

A desigualdade de gênero entrelaçada ao amor romântico, influência na construção da percepção feminina, alterando sua forma de estar no mundo e proporcionando experiências com sofrimentos (FABENI, 2015). Os motivos que levam muitas mulheres a aceitar e/ou até mesmo a continuar em relacionamentos insatisfatórios

depois de um ato violento de seu companheiro, são muitos. Pode-se citar o medo do agressor, a dependência financeira, a vergonha da punição, a dependência afetiva, entre outros. A denúncia deveria ocupar um lugar de conforto, porém, em alguns casos, acarreta em medo do término e insegurança em relação ao seu parceiro (FABENI, 2015).

A vivência histórica que recai sobre a mulher ao longo de todos esses anos, desde a antiguidade, ainda está de alguma forma presente nas relações estabelecidas, seja pela forma de amor, pelas tarefas que precisa desempenhar ou ainda pelo lugar de desvalia que ainda ocupa na sociedade (HAHON, 2018).

3.3 BUSCA DE AUTENTICIDADE

Esta categoria demonstra a busca pela autenticidade feminina diante de tantos preconceitos que envolvem a sexualidade. As relações sexuais vivenciadas pela mulher na atualidade recebem influência da educação advinda do patriarcado, onde homens são incentivados a serem ativos sexualmente e mulheres recatadas (DANTAS, 2011). No entanto, a compreensão da sexualidade feminina, num processo que preza pelo autoconhecimento e a auto aceitação são constituintes do empoderamento feminino. Sendo possível estabelecer uma vivência saudável da sexualidade entre reais necessidades e vontades, e ao mesmo tempo, livre de preconceitos (PINTO, 2012).

As mulheres, na contemporaneidade, são percebidas como resultado de uma construção social e histórica, em que muitas práticas relacionadas a elas podem ser compreendidas a partir do século XVIII, quando os franceses começaram a introduzir práticas de controle sobre a vida sexual da população (MOREIRA, 2013). A sexualidade feminina deveria ser compreendida e tratada de forma natural e saudável, voltada para o prazer. No entanto, se tornou um subproduto de uma sociedade machista e preconceituosa, no qual é marcada por muitos paradigmas provocando sentimento de culpa e influenciada pelo preconceito religioso (SILVA, 2005).

No campo biológico identifica-se algumas diferenças fisiológicas entre homens e

mulheres, mas nenhuma diferença marca superioridade entre eles. Há uma construção de pensamento sobre a sexualidade masculina e feminina, em que a masculina está vinculada a vida sexual ativa e a feminina ao amor (GINGER, 2011). A partir de 1970 iniciou-se uma tentativa de combater os argumentos naturalistas do determinismo biológico, com objetivo de desconstruir o desligamento da sociedade em relação à diferença entre os sexos (GINGER, 2011).

Contudo, é preciso entender que a sexualidade possui um tempo e ritmo próprio para ser desenvolvida (MOLLER, 2011). Compreender e vivenciar a sexualidade feminina de forma empoderada, será viável, quando mulheres começarem a trabalhar seu autoconhecimento e auto aceitação (DANTAS, 2011). Pois, é a partir do contato com suas necessidades específicas, que mulheres podem começar a desenvolver sua autenticidade e superando todo o preconceito (PINTO, 2012). O empoderamento das mulheres promove a consciência de seu sentido de mundo e das suas relações (AZEVEDO, 2019).

4 CONCLUSÃO

Diante da problematização levantada sobre o feminismo, o presente artigo foi desenvolvido com objetivo de identificar a percepção sobre feminismo embasada pela Gestalt-terapia.

Os resultados apontaram que a evolução contínua do movimento feminista influenciou a concepção sobre o ser mulher apresentada pela Gestalt-terapia. Novos entendimentos e quebras de paradigmas sobre o seu lugar na sociedade e em suas formas de relações construídas e estabelecidas, indicam uma busca por autenticidade e liberdade de ser na sociedade, que envolve a expressão de sua sexualidade e de seu valor.

Sugere-se a continuidade da pesquisa sobre o assunto proposto, a fim de que se possa ampliar o conhecimento gerado em Gestalt-terapia e prática psicológica, proporcionando condições favoráveis para sua aplicação e mediando o desenvolvimento humano com mais qualidade na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Néri de Barros. **A Idade Média entre o "poder público" e a "centralização política"**: itinerários de uma construção historiográfica. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 43, p. 49-70, June 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752010000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752010000100004>.
- ANJOS, Simony dos. **O Pecado original, a submissão e o dever da procriação: o tripé da opressão da sexualidade das mulheres**. 2018. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/08/13/o-pecado-original-a-submissao-e-o-dever-da-procriacao-o-tripe-da-opressao-da-sexualidade-das-mulheres/>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- AZEVEDO, Hermes. Gestalt-Terapia: Uma incômoda versão de mundo e de relação. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 16, n. 30, p. 50-63, 2019. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=216&layout=html>. Acesso em: 22 out. 2020.
- BARROS, Antonio Teixeira. Internet e política para mulheres: análise dos websites das parlamentares da Bancada Feminina do Congresso Nacional. **Revista Democracia Digital e Governo Eletrônico**, Florianópolis, v. 1, n. 12, p. 183-211, 2015. Disponível em: <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/observatoriodoegov/article/view/226>. Acesso em: 21 out. 2020.
- BERTAGLIA, P. C. C.; MANFREDINI, A.M. N.; KUBLIKOWSKI, I; REIS, J. B. G., “**Jogos do amor no funk: o significado atribuído às relações amorosas nas letras de músicas do funk**”. Artigo apresentado no Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, Gramado, Rio Grande do Sul, 08-11 de junho de 2016.
- BERTH, Joice. **Empoderamento: feminismos plurais**. Belo Horizonte: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BEZERRA, Juliana. **Feminismo no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/feminismo-no-brasil/>. Acesso em: 15 out. 2020.
- BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 81-105, Apr. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100005>.
- CARVALHO, Frank Viana. **FILOSOFANDO: espaço de ideias e reflexões em filosofia e educação**. ESPAÇO DE IDEIAS E REFLEXÕES EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO. 2011. Disponível em: <https://frankvcarvalho.blogspot.com/2011/08/humanismo-e-antropocentrismo.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-258, mar. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000100245&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022016420100400>.

- COELHO, Mayara Pacheco. Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 11, n. 1, p. 214-224, jun. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 nov. 2020.
- DANTAS, Margarida Florencio. A Gestalt-Terapia diante do amor nas relações afetivas heterossexuais. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 8, n. 14, p. 40-55, 2011. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=304&layout=html>. Acesso em: 23 out. 2020.
- DE OLIVEIRA, Márcio; ROSE MAIO, Eliane. "VOCÊ TENTOU FECHAR AS PERNAS?" – A CULTURA MACHISTA IMPREGNADA NAS PRÁTICAS SOCIAIS. **POLÊMICA**, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 001-018, ago. 2016. ISSN 1676-0727. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25199/18031>>. Acesso em: 13 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/polemica.2016.25199>.
- FABENI, Lorena et al . O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 7, n. 1, p. 32-47, 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020.
- FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Mulheres, sindicato e organização política nas greves de 1917 em São Paulo. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo , v. 37, n. 76, p. 73-90, Dec. 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000300073&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n76-04>.
- FRACCARO, Glaucia. **Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)**. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2018.
- GIL, A. C., Como elaborar Projeto de Pesquisa, 4ª ed. São Paulo: **Atlas**, 2002 S.P.
- GINGER, Serge. Cérebros femininos vs. cérebros masculinos. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 8, n. 14, p. 80-91, 2011. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=342&layout=html>. Acesso em: 22 out. 2020.
- HAHON, Renata Marim. **FEMINISMO CONTEMPORÂNEO E A PERCEPÇÃO HOMEM-MULHER**. 2018. 40 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciência Política, Universidade de Brasília Instituto de Ciência Política, Brasília - Df, 2018. Disponível em: https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/25409/1/2018_RenataMarimHahon_tcc.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.
- HELENA, Letícia. Livro conta a história do movimento de mulheres no Brasil dos anos 90. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2005. p. 17
- LOUZEIRO, Teresa Cristina Pereira. **As interfaces entre masculinidade e violencia contra a mulher: uma perspectiva gestaltica**. 2018. 68 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2018. Disponível em: <http://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/2344/1/Teresa%20Cristina%20Pereira.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2020.
- LUCZINSKI, Giovana Fagundes; VIANNA, Keyth; GARCIA, Renata Parente; NUNES, Vanessa Hime; TSALLIS, Alexandra. Gestalt-terapia e Empoderamento Feminino na Relação Terapêutica: reverberações a partir do atendimento

- psicoterápico entre mulheres. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 947-963, 18 mar. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2019.49294>.
- MARENDAZ, Evane. Vida sexual e a religião Batista: um olhar gestáltico. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 13, n. 25, p. 323-339, 2016. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=572&layout=html>. Acesso em: 23 out. 2020.
- MEDEIROS, Luciene. As muitas faces da violência contra a mulher na perspectiva de gênero. **Letra Capital**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-36, 2020. Disponível em: <http://www.ser.pucRio.br/uploads/assets/files/Ebook%20em%20PDF%20As%20muitas%20faces...%20%281%29%281%29.pdf#page=22>). Acesso em: 16 out. 2020.
- MEDEIROS, Luciene. Políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher. **Letra Capital**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 47-62, 2018. Disponível em: <http://www.ser.pucRio.br/uploads/assets/files/Pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%20de%20enfrentamento%20%C3%A0%20viol%C3%Aancia%20contra%20a%20mulher.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- MOLLER, Cíntia Vieira; ANDRADE, Celana Cardoso. A sexualidade feminina pela perspectiva da Gestalt-terapia: uma pesquisa qualitativa-fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 8-17, jun. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 11 nov. 2020.
- MOREIRA, Ana Regina de Lima; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Compreendendo a experiência do sofrimento de mulheres na relação amorosa. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 3-4, jul. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020.
- PAIVA, Wilson Alves de. A questão da mulher em Rousseau e as críticas de Mary Wollstonecraft. **Ethic@ - An International Journal For Moral Philosophy**, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 357-380, 31 dez. 2019. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1677-2954.2019v18n3p357>.
- PIMENTEL, Adelma. Violência doméstica praticada por homens detidos na Delegacia da Mulher de Belém. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 148-156, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18096867201000020004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020.
- PINTO, Bruna Cabral Vianna. A influência dos aspectos contemporâneos na sexualidade feminina – Uma visão gestáltica. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 9, n. 17, p. 161-170, 2012. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=397&layout=html>. Acesso em: 22 out. 2020.
- PINTO, Bruna Cabral Vianna. O ciúme nas relações amorosas contemporâneas: um olhar gestáltico. **Revista Igt na Rede**, Tijuca, v. 10, n. 19, p. 239-249, 2013. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=433&layout=html>. Acesso em: 21 out. 2020.
- PRIORI, Mary Del. História do amor no Brasil. 2ªed. São Paulo, **Contexto**, 2006.
- RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 23, e180515, 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100150&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Nov. 2020. Epub Feb 28, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/interface.180515>.

- RIBEIRO, Amanda de Souza; PÁTARO, Ricardo Fernandes. Reflexões sobre o sexismo a partir do cotidiano escolar. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 156-175, 2015. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/806/420>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; **Pólen**, 2019.
- SANTIAGO, Emerson. **Antropocentrismo**. 2013. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/antropocentrismo/>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos; IRINEU, Bruna Andrade. Violência contra mulheres e promoção de saúde mental na comunidade. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 11, n. 1, p. 232-245, abr. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912019000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 11 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01rex27>.
- SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inc.Soc**, Brasília, v. 11, n. 02, p. 15-29, 2018.
- SILVA, Carmen; CAMURÇA, Sílvia. **Feminismo e movimento de mulheres**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010.
- SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582005000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2020.

O DESENHO COMO FORMA DE AUXILIAR NO ENSINO DE UMA CRIANÇA AUTISTA

Rayner Zanoti Pereira¹

1 – Graduado em Licenciatura em Educação Física – Multivix Cariacica

RESUMO

Em 1943, Leo Kanner identificou o espectro do autismo, envolvendo um artigo com 11 casos clínicos, os sintomas foram organizados em três grupos: a) Problema na comunicação e linguagem; b) necessidade de repetições e c) inabilidade social. O presente estudo tem como objetivo compreender como o desenho pode contribuir para a aprendizagem de alunos autistas expondo reflexões e apresentar ações relacionando os desenhos com os conteúdos de ensino da Educação Física. Metodologicamente foi utilizado um estudo de casos e um diário de campo, sendo dividido em duas etapas: período de observação e período de intervenção e ao final de cada intervenção era solicitado para que o aluno desenhasse o que ele tinha feito na aula. Conclui-se que o desenho pode ser um grande aliado para o processo de ensino - aprendizagem, porém a literatura carece de pesquisas relacionando o desenho e crianças autistas.

Palavras-chaves: Desenho; Autista; Aprendizagem.

ABSTRACT

In 1943, Leo Kanner identified the autism spectrum, involving an article with 11 clinical cases, the symptoms were organized into three groups: a) Communication and language problems; b) need for repetition and c) social disability. The present study aims to understand how drawing can contribute to the learning of autistic students by exposing reflections and presenting actions relating drawings to the contents of Physical Education teaching. Methodologically, a case study and a field diary were used, divided into two stages: observation period and intervention period and at the end of each intervention, the student was asked to draw what he had done in class. It is concluded that drawing can be a great ally for the teaching - learning process, however the literature lacks research relating drawing and autistic children.

Keywords: Drawing; Autism; Learning.

1 INTRODUÇÃO

O Autismo foi identificado pela primeira vez por Leo Kanner em 1943 com o artigo intitulado de “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, divulgado na revista *The Nervous Child* que está atualmente extinta.

O artigo envolve 11 casos clínicos de crianças que mostraram o mesmo tipo de comportamento, esses casos auxiliaram Kanner a instaurar a nova síndrome, sendo assim os sintomas foram organizados em três grupos, sendo eles: a) Problema na comunicação e linguagem; b) necessidade de repetições e c) inabilidade social.

Estas diferenças entre pessoas com desenvolvimento típico e autistas traz consequências para o modo como se relacionam, da forma de tratamento e de como são escolarizados (BAGAROLLO; RIBEIRO; PANHOCA, 2012, p. 9). De acordo com Luria (2003) *citado por* Bagarollo; Ribeiro e Panhoca, (2012) apontam que as crianças com deficiência mental, possuem características mais avançadas nos desenhos do que as crianças denominadas de “normais”, porém não conseguem compreender como um instrumento de registro e memória.

De acordo com Andrade (2005) o desenho é uma forma de comunicação que as crianças utilizam para expressar sentimentos, apresentando o que ela gosta ou viveu em algum momento. No mesmo pensamento Andrade et al. (2007) dizem que o desenho pode ser um meio de ensino-aprendizagem, estimulando a criatividade e a liberdade de pensar.

Andrade (2005) também nos mostra que

“...à criatividade está presente tanto na linguagem verbal, nas representações em desenhos, nas brincadeiras, onde frutos da imaginação, a representação de mundo vem à tona através da percepção, da sensibilidade, da imaginação e da afetividade.” (ANDRADE, 2005, p. 27).

Desta forma, insere – se a Educação Física como disciplina integrada a proposta pedagógica como área do conhecimento muito importante para a formação do aluno, de acordo com o Art. 26º, § 3º Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

A Educação Física utiliza-se de vários objetos de ensino como: as ginásticas, os esportes, os jogos, as danças, as brincadeiras e os brinquedos populares, e também a capoeira (VAGO, 2009, p. 35). É necessário pensar a escola como um lugar que por meio da cultura se pode gerar conhecimento.

A Educação Física é a área do conhecimento que tematiza as práticas corporais culturalmente históricas, com isso o professor de Educação Física tem um desafio de organizar o ensino para que os alunos possam conhecer, criar, recriar e reinventar

essas práticas de acordo com sua cultura (VAGO, 2009, p. 35).

Conforme Dutra (2012, p. 1),

“As aulas de educação física constituem um dos mais importantes espaços, talvez até o mais importante, para o desenvolvimento de aspectos sociais, ética e moral dentro da escola. (DUTRA, 2012, p. 1).

Sendo assim, o processo de socialização transcorre na interação que a criança faz com outras pessoas e da criança com o meio em que vive.

Com isso, Chicon e Rodrigues (2013, p. 116) nos faz um questionamento:

“como incluir, num meio que sempre excluiu, classificou, separou, cobrou performances extraordinárias, deixando de lado os ‘incapazes’, pessoas que têm deficiência e que, historicamente, sempre foram excluídas da participação social?” (CHICON; RODRIGUES, 2013, p. 116)

Desta Forma a Educação Física Escolar nos últimos anos, busca um projeto pedagógico que consiga atender as necessidades dos alunos, buscando o seu desenvolvimento integral, ou seja, desenvolver os indivíduos em suas diferentes dimensões: físicas, intelectuais e sociais, observando suas limitações e potencialidades, e respeitando suas diferenças dentro de uma escola (CHICON; RODRIGUES, 2013, p. 116).

Porém em muitos casos, a Educação Física Escolar busca o desenvolvimento e treinamento de habilidades relacionadas ao esporte, objetivando à performance em competições, dessa forma acaba abandonando aspectos relacionados à participação, sociabilidade, cooperatividade, ludicidade e criatividade (RIZZO et al. 2016).

Sabendo disso, Chicon e Rodrigues (2013) dizem que os alunos com deficiência que estão em turmas comuns, acabam não participando das aulas, ficando de lado em um processo no qual tem as mesmas necessidades e direitos, gerando dessa forma o movimento de exclusão, marcado por uma falsa sensação de inclusão educacional.

A inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física deve haver um novo olhar sobre esses sujeitos, proporcionando que os mesmos sejam protagonistas de suas ações, sendo respeitadas mesmo com suas limitações, potencialidades e suas vontades (NETO et al. 2018).

Em tempos passados as pessoas com algum tipo de deficiência eram excluídas, renegadas e escondidas da sociedade. Ao longo dos anos os estudos e pesquisas ficaram cada vez mais intensas a respeito de pessoas com deficiência, então tem-se uma preocupação de que as pessoas com deficiência possam ser vistas como seres humanos, independente das suas condições e a partir dessas reflexões que foi motivado o presente estudo.

O presente estudo tem como objetivo compreender como o desenho pode contribuir para a aprendizagem de alunos autistas expondo reflexões e apresentar ações relacionando os desenhos com os conteúdos de ensino da Educação Física.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente foi utilizado um *estudo de caso*. Gil (2008) destaca que esse método é um estudo aprofundado de um objeto, permitindo um conhecimento amplo e detalhado sobre ele, utilizando um ou mais instrumentos para produção de fontes.

Os instrumentos metodológicos utilizados foram: desenhos produzidos pela criança autista e o diário de campo onde foram registradas reflexões sobre aquilo que vivenciamos no cotidiano das aulas de Educação Física.

A pesquisa foi realizada durante o período de estágio supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental II em uma escola no bairro Monte Belo no município de Vitória/ES com um aluno que possui a síndrome do autismo.

Inicialmente a metodologia utilizada foi a realização de um período de observação, o objetivo naquele momento foi ver como a criança se comportava durante as aulas de Educação Física e se interagiu com as outras crianças durante as atividades.

No segundo momento foi realizado intervenções com o intuito da criança produzisse desenhos daquilo que tinha vivenciado na aula de Educação Física, proposto da seguinte forma: após realizar as atividades da aula, era solicitado que o aluno produzisse desenhos sobre o que ele tinha feito na aula de Educação Física.

3 PERÍODO DE OBESERVAÇÃO

A rotina da escola funcionava da seguinte forma: o sinal era tocado para a entradas dos alunos na escola, em seguida tem um horário de três aulas, logo após vinha o intervalo de vinte minutos e depois mais duas aulas até a saída, desta forma, notamos que o aluno não tinha dificuldades em questão desses horários, sempre metódico, sabia as aulas que teria no dia e se locomovia para a sala sem que precisasse que alguém que o encaminhasse.

Vimos que o aluno não interagira com outras crianças, só quando as outras crianças falavam com ele, porém ele não falava muito, só repetia a última palavra, notamos também que em algumas salas de aula tinha cadeiras que ficavam em duplas, por conta do espaço disposto da própria sala e o aluno sempre sentava sozinho.

Durante as aulas em sala, ele ficava apático, não copiava nada que o professor passava no quadro, apenas ficava desenhando no ar as vezes falava sozinho, durante o recreio notamos que o aluno ficava correndo em volta do pátio e as vezes ficava rodando e voltava a correr novamente.

Nas aulas de Educação Física vimos as mesmas reações do recreio, apenas corria em volta da quadra, as vezes ficava chutando a bola de futebol, mas quando uma criança vinha brincar junto, ele largava a bola e ignorava a outra criança completamente.

Nota - se também um interesse pelo futebol, pois nas aulas de Educação Física ele ficava repetindo várias vezes narrações de jogo de futebol, como: "olha o gol, olha o gol, gol, futebol na globo, aqui é emoção"; "Brasil" e também repetia nomes de alguns

lugares, como: "Governador Valadares", "Colatina", "Minas Gerais", "São Paulo" e "Espírito Santo".

Dessa forma, para as intervenções, Vatauvuk (1996) menciona dois passos para o ensino de um aluno autista, o primeiro passo é que devemos saber o que o aluno consegue fazer, seus interesses e sua capacidade comunicativa. No segundo passo, as atividades realizadas devem ser divertidas, assim facilitando a aprendizagem.

4 PERÍODO DE INTERVENÇÃO

Toda criança carrega dentro de si potencialidades que deverão ser desenvolvidas, competências essas que devem ser favorecidas pela ajuda do professor (ANDRADE, 2005, p. 28), com isso nesta parte do estudo, será apresentado as intervenções realizadas durante o processo de ensino-aprendizagem.

Durante o período de intervenção tentei me aproximar do aluno na tentativa de estimular um diálogo, perguntei qual a idade dele, ele olha na minha direção e responde "14" e vira o rosto para o outro lado.

Durante as aulas em sala de aula solicitei a ele que pegasse o caderno para fazemos as atividades do quadro, ele pegou o caderno e a caneta para copiar, notei que ele compreendia bem a comandos simples como: "pega o caderno", "vamos copiar".

Juntamente com a professora de Educação Especial, foram desenvolvidas algumas atividades adaptadas para ele, que eram coladas em seu caderno. Notamos que ele compreendia o que a atividade pedia, e rapidamente fazia conforme o enunciado (Figura 1).



Figura 1

Fonte: Elaborado pelo autor

E também demos uma caixa com várias letras para que ele pudesse montar palavras, nessa atividade ele produziu várias palavras com nomes de cidades onde ele já tinha visitado ou passado com a família (Figura 2).



Figura 2

Fonte: Elaborado pelo autor

Nas aulas de Educação Física fiquei acompanhando-o nas atividades que o professor passava, foi observado que o aluno não fazia. Pode-se notar também que se o aluno estivesse com alguém o ajudando o aluno realizava as atividades propostas.

Durante uma outra aula de Educação Física peguei a bola para realizarmos algumas habilidades relacionadas ao futebol, nada muito complexo de tática ou formações de jogo. Nessas atividades executamos passes, chutes para o gol e condução de bola. O aluno se sentiu bastante envolvido na atividade pois já estava habituado com o esporte.

Após a atividade, em sala solicitei para que ele desenhasse o que ele tinha praticado na aula de Educação Física, assim como demonstrado na Figura 3.



Figura 3

Fonte: Elaborado pelo aluno

Em uma outra aula, realizamos umas atividades voltadas para a modalidade do Basquete (Figura 4), executamos condução de bola e o lance livre.

O aluno não ficou muito empolgado como no futebol, porém ele gostou de ficar arremessando a bola na cesta.

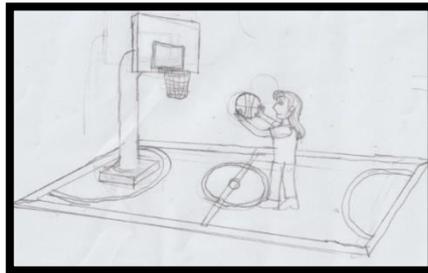


Figura 4

Fonte: Elaborado pelo aluno

Na figura 4 o aluno desenha uma menina arremessando a bola, onde podemos notar que o aluno pode compreender a atividade proposta para ele, mas ainda não interage jogando com outros, mas já não se incomoda tanto com a presença das outras crianças.

Na outra aula foi proposto a ele a modalidade do Vôlei (Figura 5), realizamos o toque e a manchete, o aluno pouco se interessou, fez um pouco da atividade e depois sentou na arquibancada.

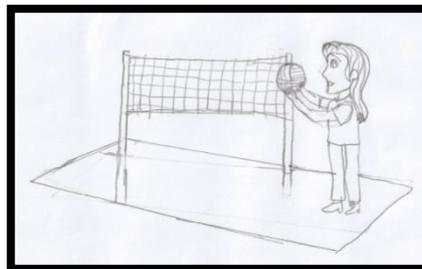


Figura 5

Fonte: Elaborado pelo aluno

Neste desenho da Figura 5 podemos notar que ele desenhou uma menina e a rede de vôlei, porém na atividade realizada, não utilizamos a rede e outras crianças também participaram dessa mesma atividade junto com ele, mas não foram representadas no desenho.

Na nossa outra atividade realizamos um jogo de Frescobol (Figura 6), onde o próprio aluno pegou as raquetes e a bolinha, uma outra aluna da sala dele veio jogar com ele, eles ficaram rebatendo a bolinha um para o outro.

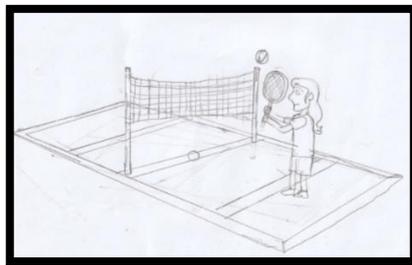


Figura 6

Fonte: Elaborado pelo aluno

No momento que o aluno estava produzindo o desenho, fiz um questionamento a ele sobre o que ele estava desenhando, o aluno me respondeu: “Tênis”.

Durante o desenho ele relacionou a raquete e a bolinha de frescobol a um jogo de tênis, nos mostrando conhecimento adquiridos em outros meios e também o relacionando com aquele vividos em aula.

O processo de aprendizagem de um aluno que possui o espectro autista é muito complexo por envolver variáveis incontrolláveis, como a metodologia utilizada, os objetivos, e ambiente onde o aluno está inserido (SARAIVA; SANTOS, 2016).

5 CONCLUSÃO E REFLEXÕES

Após um período de intervenções com as práticas esportivas, notou-se que o aluno começou a se socializar mais nas aulas de Educação Física, e nas outras aulas foi observado que o aluno avançou na apropriação de conhecimentos como a leitura, a

interpretação das imagens relacionadas aos esportes praticados e as reproduzi-las corporalmente.

Nas aulas de Educação Física o aluno está participando mais, focalizando em algumas habilidades específicas dos esportes praticados e é onde ele mais participa e interage com outras crianças, fazendo as atividades em conjunto.

Percebe – se que essa discussão é pouco abordada na literatura sobre a utilização do desenho feitos por crianças autistas, sendo que o desenho é uma forma de se expressar e de comunicar. Dessa forma este estudo também visa contribuir para que outras pesquisas possam se desenvolver a partir deste ponto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. F; ARSIE, K. C; CIONEK, O. M; RUTES, V. P. B. **A Contribuição do Desenho de Observação no Processo de Ensino-Aprendizagem.** Graphica, Curitiba, Paraná - Brasil, 2007.

ANDRADE, L. C. **O Desenho como Expressão no Aprendizado Infantil: Caminhos e Possibilidades.** Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, dissertação de Mestrado, 2005.

BAGAROLLO, M. F; RIBEIRO, V. V; PANHOCA, I. **Características do Desenho de um Sujeito Autista.** Comunicações, Piracicaba, v. 19, n. 2, p. 7-22, jul.-dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v19n2p7-21>

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 de dezembro de 2020.

CHICON, J. F; ROGRIGUES, G. M. **Educação Física e os Desafios da Inclusão.** Edufes, Vitória - ES, 2013.

DUTRA, W. G. **Aspectos sociais na Educação Física Escola.** Revista Digital.

Buenos Aires, Ano 17, Nº 172, setembro de 2012. Disponível em:

<<https://www.efdeportes.com/efd172/aspectos-sociais-na-educacao-fisica-escolar.htm>>.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo, Editora Atlas S.A, 6ª edição, 2008.

KANNER, L. **Autistic Disturbances of affective contact.** The Nervous Child, New York, v. 2, p. 217-250, 1943. Disponível em:

<<http://www.profala.com/artautismo11.htm>>. Acesso em: 19 de novembro de 2019.

NETO, A. O. S; ÁVILA, E. G; SALES, T. R. R; AMORIM, S. S; NUNES, A. K;

SANTOS, V. M. **Educação inclusiva: uma escola para todos.** Revista Educação Especial, v. 31, n. 60, jan./mar. 2018, DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X24091>

RIZZO; D. T. S; ARANHA, A. C. M; FREITAS, C. M. S. M; DAOLIO, J; LOPES, J. C. **Educação Física escolar e esporte: significações de alunos e atletas.** Pensar a Prática, v. 19, n. 2, 30 jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v19i2.40650>

SARAIVA, M. M; SANTOS, L. R. **O uso da linguagem lúdica através do ipad no ensino-aprendizagem de autistas**. Revista Philologus, v. 22, nº 65. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago, 2016.

VAGO, T. M. **Pensar a Educação Física na Escola: Para uma Formação Cultural e da Juventude**. Cadernos de Formação RBCE, p. 25-42, set. 2009.

VATAVUK, M. C. **Ensinando Educação Física e Indicando Exercícios em uma Situação Estruturada e em um Contexto Comunicativo: Foco na Integração Social**. Congresso Autismo – Europa, Barcelona, 1996. Disponível em: <<http://www.profala.com/artautismo2.htm>>. Aceso em: 19 de novembro de 2019.